

# A ANTROPOLOGIA E OS ESTUDOS SOBRE E COM OS CIGANOS NO BRASIL<sup>1</sup>

Erisvelton Sávio Silva de Melo - UPE

**Palavras-chave:** Antropologia; Ciganos; Etnografias

## **Introdução:**

“Cabriolé” ou “*Cabriolet*” é um termo francês para designar um tipo específico de carruagem em meados do século XIX. Palavra oriunda do verbo “*cabrioler*”, traduzido para a língua portuguesa: saltar. Essa carruagem sem portas, por isso, as pessoas precisavam saltar para sair dela, pode acolher dois passageiros que ficam virados para a frente e podem dialogar entre si, enquanto o cocheiro fica por trás da carruagem, num apoio próprio. No local estratégico em que o cocheiro está, ele pode habilmente manobrar o cabriolé e dá o direcionamento para onde essa carruagem deve seguir. Essa carruagem inspira vários quadros românticos e, inclusive, é muito utilizada em casamentos para condução dos nubentes à cerimônia do enlace matrimonial em alguns países, entre eles, o Brasil.

Em um casamento, na cidade de Campinas-SP, em 2012, de um grupo de ciganos Rom-Kalderash, o noivo de quinze anos e a noiva de treze foram trazidos para o casamento em duas dessas carruagens. Segundo o pai do noivo “*sem essas carruagens, símbolo do nosso passado, não caminharemos para o futuro. Futuro esse, simbolizado na continuidade de nosso grupo com os filhos dos nossos filhos que hoje estão se casando.*” (CIGANO KALDERASH – NDCG<sup>2</sup>).

Enquanto o pai do noivo falava e eu via a cena dessas carruagens tipo cabriolé pensei, por analogia, ser aquele um símbolo do passado a impulsionar um futuro, na pesquisa bibliográfica que estava realizando, tanto para a construção de um arcabouço teórico, quanto para verificar o que já havia sido produzido sobre ciganos dentro da Antropologia Brasileira e, conseqüentemente, em um contexto mais amplo a produzida em outros países, quando me foi possível ter acesso a obras que versam a temática cigana em língua inglesa, espanhola, italiana e francesa.

De posse desses dados expostos nas páginas que seguem, foi possível construir um percurso dentro do que já existe escrito sobre ciganos para situar o meu trabalho e a concepção de redes construídas contextualmente por afinidades ou demandas em

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

<sup>2</sup> NDCG – Notas do Diário de Campo e Gravações

campos de negociação, inclusive na produção bibliográfica existente sobre os estudos com os grupos ciganos e suas identidades.

A identidade como campo de negociação estará aberta aos diálogos e interstícios impostos pelos imponderáveis da vida e sobrevivência. Ao falar sobre ciência, Max Weber (1982), já nos situa sobre a maleabilidade da mesma e da necessidade de haver questionamentos para ampliação de conhecimento e superação de paradigmas ou posições de novos paradigmas.

Dessa forma, com problemáticas envolvendo os ciganos é possível verificar “novas perguntas” para os novos contextos, nos quais a ciência e os ciganos estão inseridos, para possíveis respostas ou para novas questões contemporâneas que irão proporcionar outros trabalhos futuros.

As bases para catalogação, ampliação e problematizações foram os estudos de Frans Moonen para tal exposição e análise. Com ampliação do período pesquisado por ele e os referenciais e fontes de pesquisa, por meio dos artigos produzidos e expostos no SciELO contido no Portal CAPES e Anais da Associação Brasileira de Antropologia de 2004 a 2014. Assim, como a internet e as redes sociais enquanto instrumentos ajudaram os ciganos a se apresentarem para o contexto global das discussões étnicas, esses mesmos instrumentos ajudam o pesquisador a coletar informações e a entrar em contato com os ciganos pesquisados e com uma bibliografia maior.

### **Ciganos, Ciganólogos e Ciganologia**

Frans Moonen em seu texto “*Ciganos e Ciganólogos: estudar ciganos para quem e para quê?*” (2010), nos chama a atenção para os estudos sobre ciganos e quais as suas finalidades dentro da Antropologia. Para esse antropólogo e ciganólogo<sup>3</sup>, como gostava de se definir, os antropólogos começaram a se interessar em questões ciganas depois de passados uns quarenta anos das publicações dos primeiros livros que tratam sobre a temática dos ciganos no Brasil, “*Os Ciganos no Brasil*” de Mello Moraes Filho (1886) e “*Os ciganos do Brasil*” de José Baptista d'Oliveira China (1936). Vali-me de alguns apontamentos expostos nesse texto de Frans Moonen (2010) além de publicações, autores e resumos das teses e dissertações, atualizei-o; pois, o texto limita-se ao ano de 2010.

Ao observar e analisar o que já havia sido produzido em Antropologia sobre a temática, pude verificar que este trabalho é relevante por pensar os ciganos como

---

<sup>3</sup> Ciganologia e ciganólogo são termos usados por Frans Moonen para designar os pesquisadores que trabalham com a temática cigana.

contemporâneos e usuários das novas tecnologias da informação e da comunicação tecendo redes de sociabilidade para discussão de políticas públicas e direitos.

Com um entendimento de transgressão para elucidação de novos códigos foi possível realizar alguns questionamentos sobre a produção de pesquisas com ciganos no Brasil de forma contextual entre o pensamento científico vigente desde o século XIX e a realidade vivida pelos ciganos o que, talvez, estejam associados a alguns fatos que a história e o relato de alguns ciganos possam dar algumas pistas. Mesmo sabendo que a disposição das teorias vigentes na ciência, quando datadas historicamente, não são estanques, há convergências e divergências de pensamentos atuantes em um mesmo período histórico, apresento um paralelo entre os estudos ciganos, a história e as teorias vigentes baseado em pesquisadores como Adam Kuper (2002) e Murray Leaf (1981), para compreender como estão postos os estudos ciganos na antropologia brasileira, a partir de predominâncias teóricas.

Essa lacuna no Brasil sobre trabalhos realizados com ciganos é interessante para pensarmos o porquê da falta de interesse dos pesquisadores sociais, acredito que esteja relacionada ao pensamento científico desse período e os regimes políticos historicamente datados, onde o grupo visualmente presente como os ciganos no território brasileiro era silenciado e invisibilizado por apresentar características e sinais diacríticos divergentes da “*pseudo hegemonia da população brasileira*” difundida, tanto no campo da ciência, quanto no político.

Ao refletir sobre o vazio dos estudos envolvendo os ciganos no Brasil é necessário contextualizar de forma histórica as perspectivas de concepções sociais sobre os ciganos. Esse período é marcado na ciência pelas teorias evolucionistas e raciais. Durante a fase do Brasil Império de 1822 a 1889, os ciganos eram concebidos como pessoas que serviram para a diversão da corte com as apresentações de espetáculos circenses ou para fazer diligências na cobrança de alguma dívida para o império, os “*Andadores do Rei*”, como apontam Mello Moraes Filho (1886, 1905) e Marcos Antônio Melo (2006).

O documento de Oswaldo de Macedo, em 1986, enviado ao Diretor de Eventos do Paço Imperial sobre esse período, traz à tona um relato dos ciganos que viveram entre os séculos XVIII e XIX nos átrios das dependências régias no Brasil.

Como presença numerosa, de chofre, há que registrar os que aqui aportaram como parte ativa, posto que subalterna, da Corte de D. João VI. Eles eram parte modesta, mas indispensável da burocracia do Paço. Eram cocheiros, palafreiros, artesãos de cobre e de ferro, Andadores do Rei

(oficiais de justiça), organizadores e participantes de festas populares – cavalhadas, touradas, serra-velha, jogo das argolinhas, etc.

Os ciganos tinham, principalmente os homens, uma atividade permanente, só interrompida nas horas das refeições que eles prolongavam em lazer, tipo sesta, no pátio interno do Paço Imperial, onde conviviam com a família, pessoas amigas e parentes, e, aos domingos, após o almoço, as ruidosas festas dos ciganos tinham lugar neste mesmo pátio interno, que era conhecido pelo povo como Adro dos Ciganos, embora não fosse este o nome oficial do logradouro, nem como tal reconhecido à época. (Oswaldo Macedo, ofício de 11 de agosto de 1986; in MELLO et al, 2009, p. 86)

Durante a Primeira República, com data de 1889 a 1930, ocorre um novo banimento dos ciganos e a sua invisibilização, forçando-os a esconder o seu pertencimento étnico ou a saírem pelas estradas para negociarem ou se estabelecerem onde poderiam ser bem recebidos. Vigorava no pensamento científico na época as teorias culturalistas, difusionistas e o sanitarismo. O período político é demarcado pela busca de uma identidade nacional brasileira com enfoque romantizado e folclórico das etnias indígenas, negras e brancas europeias, ficando os ciganos como povos peripatéticos de fora desta constituição da identidade que se queria forjar e banidos novamente para as favelas que estavam surgindo em áreas periféricas das grandes cidades ou para a “sina” de andarilho pelas estradas do país.

Com a Era Vargas, o sentimento de nacionalismo se tornar mais evidente para a consolidação do Brasil enquanto Estado-Nação no cenário mundial. Também, como marca desse cenário mundial há os prenúncios da Segunda Guerra Mundial e a ascensão dos regimes totalitários e nazifascistas. Regimes que depois foram responsáveis pela morte de mais de meio milhão de ciganos. Era um período, no qual, assumir a identidade cigana ou o pertencimento ao grupo foi muito arriscado. Como aconteceu com alguns judeus que aqui estavam nas terras brasileiras e foram deportados para a Alemanha ou algum país europeu acusados de comunistas ou antidemocráticos. O pensamento vigente na ciência era o Estrutural-Funcionalismo, marcado por uma busca em torno da funcionalidade de uma determinada unidade cultural no contexto da cultura geral ou global. No pós-guerra, as identidades dos grupos que passaram pelo genocídio praticado pelos regimes arianos, por medo, continuavam escondidas e veladas.

Durante o período do Golpe Militar de 1964, ser cigano no Brasil tornou-se muito perigoso porque estavam associados ao anarquismo e a um “*povo de vida sem regras*”. Pelo senso de pertencimento étnico e estarem as famílias juntas e em comunhão de bens para sobrevivência, facilmente foram tidos como comunistas, uma ameaça ao regime. Também, de uma forma mais folclorizada, alguns grupos ciganos

estavam associados aos “hippies”, pelo vestir e pelo agir em sociedade numa vida “alternativa”. A Antropologia nesse período é marcada pelos conceitos do Estruturalismo e do Interpretativismo.

Os anos de 1980 são marcados no Brasil por uma luta para finalização do regime militar e o processo de redemocratização, onde os movimentos sociais retomam as suas organizações pelo pedido das “Diretas Já”<sup>4</sup>. Nos anos 80 começam as discussões de identidade e reivindicações de direitos para grupos étnicos-raciais encabeçadas por indígenas e quilombolas, culminou também na contemplação de outros grupos, entre eles os ciganos, categorizados como “*Povos Tradicionais*”. Surge o trabalho da antropóloga Maria de Lourdes Sant’Ana (1983), “*Os Ciganos: aspectos da organização social de um grupo cigano em Campinas*”, com pesquisas realizadas nos anos de 1970 entre os ciganos Rom Kalderash de Campinas-SP.

É, bem provável, que pelo interesse acadêmico em torno desses ciganos tenham sido os ciganos do grupo Rom a ir a Brasília-DF discutir políticas públicas para ciganos em um primeiro momento. No campo das Ciências Sociais estamos situados nos paradigmas interpretativistas e construcionistas. Entrando em voga a convenção 169 da OIT e auto identificação como pré-requisito de reconhecimento para os grupos étnicos.

Nas palavras de Giddens (in CASTELLS, 1999, p.27): “*a auto identidade não é um traço distintivo apresentado pelo indivíduo. Trata-se do próprio ser conforme apreendido reflexivamente pela pessoa em relação à sua biografia [...] o próprio ser torna-se um projeto reflexivo*”. Projeto esse consolidado por meio das lideranças e associações ciganas formando redes para debates problematizadores da condição dos grupos ciganos no Brasil.

Durante os anos de 1990 vão começar a figurar nas discussões sobre ciganos no Brasil com a presença dos grupos Calon, a partir de Frans Moonen (1995) e Patrícia Sulpino/Goldfarb (1999) na cidade de Souza-PB. Conseqüentemente, nos anos de 2000 até os nossos dias, esse é o grupo mais estudado por antropólogos no Brasil, tanto pela densidade demográfica e áreas de ocupação, quanto pela participação no cenário nacional de discussões e políticas públicas para ciganos, por serem os que mais necessitam de reparações inclusivas e sociais devido a situação de miserabilidade que pessoas desse grupo se encontram em todo o país. No ano de 2004 vamos ter mais uma publicação de um livro de cunho antropológico sobre os ciganos, a “*A Seda Esgarçada:*

---

<sup>4</sup> Diretas Já foi um movimento civil de reivindicação por eleições presidenciais diretas no Brasil ocorrido em 1983-1984.

*configurações sócio-cultural dos ciganos de Utinga*”, de Ronaldo Senna com contribuições sobre os ciganos do Estado da Bahia.

Frans Moonem (2013) aponta que hoje são poucos, mas o número de pesquisadores está aumentando de acordo com a visibilidade e as demandas das questões que envolvem a disputa de poder e a inserção dos ciganos no âmbito da política de direitos, reparação e reconhecimentos étnicos. No campo da Antropologia, mais especificamente, no que concerne a Associação Brasileira de Antropologia (ABA), mesmo tendo atualmente um GT específico que trata das questões ciganas, inclusive com emissão de um documento de orientação intitulado “Os Ciganos e as Políticas de Reconhecimento: Desafios Contemporâneos”<sup>5</sup>, para nortear algumas premissas pertinentes à antropologia e ao estado de direito da afirmação da dignidade humana e as particularidades de um grupo étnico.

Tendo a ABA como referência, fiz um apanhado dos trabalhos apresentados na Reunião Brasileira de Antropologia entre os anos de 2004 a 2014. Esse apanhado foi importante porque serviu como uma espécie de “termômetro” do que os antropólogos vêm trazendo de pesquisas sobre os ciganos e, mais uma vez, verifiquei a importância do meu trabalho ao tratar das questões ciganas na contemporaneidade com o uso das novas tecnologias e suas articulações em rede no que concerne a aquisição de direitos e a manutenção da dignidade humana em seus inúmeros contextos.

Na crença de que a ciência nos dá respostas ou impõem dúvidas sobre os contextos nos quais estamos inseridos em dados momentos, foi realizado um apanhado bibliográfico e de pesquisas envolvendo os ciganos no Brasil. É pertinente trazer essa trajetória sobre os estudos para situar a atualidade da temática e o meu próprio texto na contemporaneidade. Como já escutei de um cigano: “o valor do hoje é dado quando nos lembramos de toda trajetória que foi preciso percorrer até aqui” (Claudio Iovanovitchi – NDCG).

Poeticamente fala Paulo Freire sobre a importância de compreendermos o que nos precede para descrevermos e transcrevermos o observado e as lições apreendidas:

Quando hoje, tomando distância de momentos por mim vividos ontem, os rememoro, deve ser, tanto quanto possível, em descrevendo a trama, fiel ao que ocorreu, mas, de outro lado, fiel ao momento em que reconheço e descrevo, o momento antes vivido. Os “olhos” com que “revejo” já não são os “olhos” com que “vi”. Ninguém fala do que passou a não ser na e da perspectiva do que passa. O que não me parece válido é pretender que o que passou de certa maneira devesse ter passado como possivelmente, nas

---

<sup>5</sup> Ver documento apresentado nos anexos

condições diferentes de hoje, passaria. Afinal o passado se compreende, não se muda. (FREIRE, 2003, p. 19).

As obras publicadas sobre ciganos no Brasil até 2007 foram apresentadas em minha dissertação de mestrado no levantamento bibliográfico, por isso não me detive na catalogação desse material, tendo sido contemplado em meu trabalho anterior.<sup>6</sup> Segue agora a descrição dos títulos e autores que trabalharam e trabalham com ciganos, para tanto, realizei uma pesquisa de consulta bibliográfica nos “Anais” e/ou “Cadernos de Resumo”, disponíveis no portal da própria ABA<sup>7</sup>. Após catalogar os trabalhos estou expondo com o título, o autor e a instituição de filiação desses pesquisadores. O que pude observar em uma primeira análise, também por participar de alguns dos eventos, é a quantidade escassa de trabalhos, sendo quase sempre apresentados pelos mesmos pesquisadores.

A 24ª Reunião Brasileira de Antropologia “*Nação e Cidadania*”, ocorrida em Recife-PE, no ano de 2004, dois trabalhos foram apresentados com a temática dos ciganos: “*O ‘Tempo de Atrás’: Tempo e Espaço para os Ciganos de Sousa*”, de Maria Patrícia Lopes Goldfarb –UEPB; e, “*Ciganos e Mercados: Do Comércio de Escravos às Custas do Processo Judicial*”, de Marco Antonio da Silva Mello, Patrícia Brandão Couto e Mirian Alves de Souza - UFF - LeMetro - Laboratório de Etnografia Metropolitana, NECVU/ IFCS-UFRJ e NUFEP/ ICHF-UFF.

Na 25ª Reunião Brasileira de Antropologia “*Saberes e Práticas Antropológicas: desafios para o século XXI*” que ocorreu entre 11 a 14 de junho de 2006, em Goiânia-GO, ocorreu apresentação de cerca de 1.200 antropólogos, contudo apenas duas trataram da temática cigana: “*Ciganos: um uso diferenciado do espaço urbano*” de Maria de Lourdes Fonseca Pereira (UFU); e, “*Os Ciganos Calon da Cidade Nova na memória e história urbana do Rio de Janeiro*”, de Mirian Alves de Souza (NUFEP/UFF; LeMetro/UFRJ) e Marco Antonio da Silva Mello (GAP/UFF; DAC/UFRJ).

A 26ª Reunião da ABA “*Des/Igualdade na Diversidade*”, ocorreu em Porto Seguro -BA, do dia 1º a 4 de julho de 2008. Nessa Reunião da ABA houve especificamente um Simpósio Especial para tratar sobre a temática cigana: “*Os Ciganos e as Políticas de Reconhecimento: Desafios Contemporâneos*”, coordenado pelo

---

<sup>6</sup> Maiores detalhes sobre bibliografia cigana no Brasil, consultar: Melo, Erisvelton Sávio Silva de. Sou cigano sim! Identidade e representação: uma etnografia sobre os ciganos na região Metropolitana do Recife-PE. Dissertação de Mestrado. UFPE/PPGA, Recife:2008.

<sup>7</sup>O Portal da ABA pode ser acessado a partir do endereço: [www.portal.abant.org.br](http://www.portal.abant.org.br)

antropólogo Marco Antonio da Silva Mello (UFF). Foram apresentadas cinco exposições: “*A Discriminação Instituída na Unicidade Cidadã: o Paradoxo da França Face à Presença Cigana*”, de Marc Bordigoni (MMSH/IDEMEC/CNRS); “*24 de Maio, Dia Nacional do Cigano: “Uma Criança de 500 Anos dá um Exemplo de Convivência*”, dos autores Marco Antonio da Silva Mello (UFF) e Felipe Berocan Veiga (UFF); “*Dos Contextos Locais à Invisibilização Política: Discussão em Torno dos Ciclos de Exclusão Habitacional dos Ciganos em Portugal*”, apresentado por Alexandra Isabel de Almeida Baltazar Lopes de Castro (CET/ISCTE); “*Som e Silêncio dos Marginalizados no Brasil: Considerações sobre um Estudo de Caso da Música entre os Calon do Catumbi, Rio de Janeiro.*”, de Antonio Emanuel Guerreiro de Faria Junior (UNIRIO) e Samuel Araujo (UFRJ); e, a não menos importante exposição sobre quem é cigano e está nas discussões para a garantia de direitos ciganos: Cláudio Domingos Iovanovitchi, líder e representante da Associação de Preservação da Cultura Cigana - Paraná (APRECI-PR).

Está reunião da ABA com este simpósio foi importante, além dos trabalhos apresentados e das discussões suscitadas, por ter trazido um cigano para expor a condição a partir da própria fala e vivência a condição dos ciganos em terras brasileiras. Pesquisei no caderno de resumos se ocorreram outras apresentações em GTs e mesas-redondas, mas o trabalho foi infrutífero, para trabalhar a temática ciganos unicamente em um simpósio.

Na 27ª Reunião da ABA “*Brasil Plural: Conhecimentos, saberes tradicionais e direitos à diversidade*”, na cidade de Belém no Pará, entre os dias 1º a 4 de agosto de 2010, aconteceu o GT: “*Ciganos: cartografia social e antropologia política de um grupo minoritário*”, proposto por Marc Bordigoni (MMSH-IDEMEC/CNRS), Marco Antonio da Silva Mello (UFF) e Felipe Berocan Veiga (LeMetro – IFCS/UFRJ). No GT ocorreram onze apresentações, sendo dez comunicações orais e um pôster. Participaram do GT: “*A imagem dos ciganos nos discursos dos viajantes, do degredo e da ciência*”, de Maria Patrícia Lopes Godlfarb (UFPB); “*Escuta, gajon: uma reflexão sobre a representação dos ciganos no cinema documentário brasileiro*”, de Francielle Felipe Faria de Miranda (FARA); “*Alteridade e resistência nos ciganos brasileiros*”, por Lina Maria Lorenzon Sibar (FFC/UNESP); “*Os ciganos no Brasil: fronteiras e liminaridade*”, com Cláudia Bonfim (UFRJ); “*O elo intergeracional entre os ciganos: um marcador de identidades e alteridades firmado através da memória*”, de Nadabe Pimentel da Silva (UFG); “*Minha língua é a minha*

*Pátria': estudo etnográfico das narrativas orais de um grupo Kalderash*”, pôster de Ana Paula Casagrande Cichowitz (UFSC); “*A agência de categorias, quotidianos e rumores: o caso etnográfico de famílias ciganas no sul de Portugal*”, por Micol Brazzabeni (CRIA – ISCTE/IUL); “*From the assimilation to the refuse os the recognition politics: historical anthropology of a Southern Italy Rom community*”, de Stefania Pontrandolfo (EHESS e U. Verona); “*Ir e vir ou poder ficar? Dilemas espaciais e conflitos de representação nas novas demandas políticas dos ciganos no Brasil*”, com Felipe Berocan Veiga (LeMetro – IFCS/UFRJ) e Marco Antônio da Silva Mello; “*Em busca de definições: formas de identificação e organização social entre os ciganos da Cidade Alta – CE*”, de Lailson Ferreira da Silva (UFRN) e Luiz Carvalho de Assunção; e, “*Os Calon do município de Souza – PB: dinâmicas ciganas e transformações culturais*”, por Robson de Araújo Silveira (UFPE)

A 28ª Reunião da ABA “*Desafios Antropológicos Contemporâneos*”, em São Paulo do dia 2 a 5 de julho de 2012, houve o GT: “*Ciganos no Brasil um exercício de comparação etnográfica*”, proposto e coordenado por Florência Ferrari (USP) e Patrícia L. Goldfarb (UFPB). Nesse GT foram aceitas dezesseis comunicações, dez orais e seis painéis. Foram: “*A diversidade cultural em Sousa-PB: analisando interações sociais entre ciganos e não ciganos*”, Patrícia L. Goldfarb (UFPB) e Aquiles Cordeiro (UFPB); “*Gênero, etnicidade e liderança: algumas reflexões a respeito das mulheres ciganas e meio-ciganas*”, Erisvelton Sávio S. de Melo (UFPE); “*Do jeito cigano: notas sobre a concepção Calon de imagem*”, Ferrari (USP); “*Presença cigana no Ceará: um estudo comparativo*”, Lailson F. da Silva (UFRN); “*Tempos vividos: um estudo sobre identidade cigana no Município de Cruzeta/RN*”, Virgínia Kátia de Araújo Souza (UFRN) e Luiz Assunção (UFRN); “*Tradição e Política: Ciganos em Goiás*”, Gabriel O. Alvarez (UFG); “*A zingaropoli italiana: Rom e Sinti na cidade de Milão*”, Vânia Fialho (UPE); “*O papel de um jornal paraibano na construção da imagem dos ciganos*”, Mércia R R Batista (UFCEG), Izabelle Aline Donato. Braz (UFCEG), Jamilly. Cunha (UFCEG), Jessica Cunha (UFCEG) e Caroline Leal (UFCEG); “*Os Calon do Rancho de Baixo: organização política e mudanças culturais*”, Robson Siqueira (UFPE); “*União Cigana do Brasil: construção identitária e codificações políticas na esfera pública*”, Mirian Alves de Souza (UFF); “*Alteridade e Sociabilidade Cigana: perspectivas etnográficas de uma família Calon*”, Lina Sibar (UNESP); “*As estórias de viagens Rom-Kalderash e a construção do cigano como sujeito fantástico*”, Ana Paula Casagrande Cichowicz (UFSC); “*As representações dos ciganos no cinema*

*documentário brasileiro*”, Francielle Felipe Faria de Miranda (UCG); “*Conflitos identitários: memória e narrativa de um Calon*”, Amauri Ferreira (PUC Minas) e Patricia Simone do Prado (PUC Minas); “*Entre Carmens e Severias: uma proposta de entendimento sobre transculturação na dança*”, Daniel Moura (UFBA); e, “*Grilhões em pés alados – Repressão aos ciganos em Minas Gerais (1890-1908)*”, Camila Similhana (CSA-MG).

Com a consolidação da temática nos estudos antropológicos brasileiros sobre ciganos, ocorreu já na abertura do evento, na 29ª Reunião da ABA “*Diálogos Antropológicos Expandindo Fronteiras*”, em Natal RN, entre os dias 03 a 06 de agosto de 2014, uma premiação honrosa no Prêmio Direitos Humanos 2014, cujo o tema “*Gypsies ou Roma? Denominadores comuns e codificação política em Toronto*”, de Miriam Alves de Souza (UFF).

Na 29ª RBA permaneceu o GT intitulado “*Ciganos no Brasil: um exercício de comparação etnográfica*”, coordenado por Maria Patrícia Lopes Goldfarb (PPGA-UFPB) e Mércia Rejane Rangel Batista (UFCEG). Houveram dezesseis trabalhos aprovados: “*Processos associativista entre ciganos: discutindo o projeto político de uma família cigana em Condado-PB.*”, por Jamilly Rodrigues da Cunha (UFPE), Maria Patrícia Lopes Goldfarb (UFPB) e Mércia Rejane Rangel Batista (UFCEG); “*Entre os caminhos e as rotas dos ciganos do Vale do Mamanguape-PB.*”, de Edilma do N. J. Monteiro (PPGA-UFPB), Maria Patrícia Lopes Goldfarb (DCS/PPGA-UFPB), Renan Jacinto Monteiro (UACS-UFCEG) e Hermana Cecília Oliveira Ferreira (DCS-UFPB); “*Reflexões sobre as relações de integração dos ciganos e seus entraves na atualidade.*”; de Caroline Leal Dantas do Nascimento (PPGA/UFPB); “*Entre idas e vindas, como interpretar o fluxo cigano? Discutindo as compreensões sobre diáspora e nomadismo.*”, por Jéssica Cunha de Medeiros (UFPB), Mércia Rejane Rangel Batista (UFCEG), M<sup>a</sup> Patrícia Goldfarb (UFPB); “*Entre os caminhos e as rotas dos ciganos do Vale do Mamanguape-PB.*”, Edilma do N. J. Monteiro (PPGA-UFPB), Maria Patrícia Lopes Goldfarb (DCS/PPGA-UFPB), Renan Jacinto Monteiro (UACS-UFCEG), Hermana Cecília Oliveira Ferreira (DCS-UFPB); “*Na estrada com os ciganos*” - novas formas de configuração das caravanas ciganas na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro”, de Cleiton Machado Maia (PPCIS-UERJ); “*Ciganos e Educação: saberes escolares no olhar das famílias ciganas Calon residentes na cidade de Mamanguape – PB*”, por Aquiles Cordeiro do Nascimento (DCS/UFPB), Hermana Cecília Oliveira Ferreira (DCS/UFPB) e Maria Patrícia L. Goldfarb (PPGA/DCS/CCHLA/UFPB); e,

“*Mapeamento da População Cigana em Juazeirinho – PB*”, de José Aclecio Dantas (UFPB).

Dos dezesseis trabalhos aprovados estes oito constam como apresentados. Os que citarei a seguir encontram-se no caderno de resumos<sup>8</sup> da 29ª RBA, mas não constam como apresentados, não irei citar a instituição por não constar no caderno de resumos: “*As estórias de viagens Rom-Kalderash e a construção do cigano como sujeito fantástico*”, Ana Paula Casagrande Cichowicz; “*Calíns do Rio de Janeiro - Uma reflexão sobre a produção de não-existência social da mulher andarilha cigana.*”, Cláudia Valéria Fonseca da Costa Santamarina; “*Construções identitárias ciganas na esfera pública*”, Mirian Alves de Souza; “*Notas sobre as demandas ciganas por respeito a direitos e os desafios às instituições públicas*”, Emília Ulhôa Botelho; “*Educação e Diversidade Cultural: o caso dos ciganos Calons do município de Carneiros/AL*”, Leila Samira Portela de Moraes; “*Práticas de trabalho entre os Calons em Sobral, CE.*”, Lailson Ferreira da Silva; “*Rumo o desenvolvimento da visibilidade cigana no Brasil: interseccionalidade e empoderamento das mulheres Kalin e Romani*”, Caterina Rea; e, “*Territorialidade Cigana: desvelando “pistas” a partir do processo de regularização fundiária da área ocupada pela comunidade cigana de São Gabriel/BH*”, Helena Dolabela Luciano Pereira.

O mapeamento realizado da produção de trabalhos na área da Antropologia permite um panorama da identificação de tendências no campo de pesquisa sobre os ciganos. Após a análise e a categorização das obras é possível verificar as facetas da investigação do fenômeno identitário e etnográfico no contexto da “ciganologia” no Brasil.

Neste momento de pesquisa, por participar do GT Cigano da ABA, conhecer as pessoas que desenvolveram e desenvolvem as pesquisas com os ciganos e, conhecer alguns dos ciganos que abriram suas vidas para que pudéssemos entrar nelas e eles nas nossas, fiquei pensativo sobre a condição da humanização e da humanidade (ARENDDT, 2010) e as questões éticas envolvidas no fazer etnográfico dentro das ciências. Dessa forma, ao pensar a etnografia como um método qualitativo aplicado a condição humana, penso com a compreensão de um contexto mutável no qual as pessoas podem ter experiências e desprender ações diversas.

---

<sup>8</sup> O Caderno de Resumos 29ª RBA (REGISTRO ISBN: 978-85-87942-29-6), encontra-se disponível no endereço eletrônico: <http://www.anaisda29rba.org/>

O pesquisador compromete-se de corpo e alma no contexto da experiência e das atividades ordinárias de seus interlocutores. Ele se engaja na primeira pessoa nas situações cotidianas, que frequenta de forma regular e repetitiva durante uma longa jornada. Desse modo, está também diante da excepcionalidade de eventos únicos aos quais somente ele assiste e testemunha em campo. O pesquisador embarca, pois, numa compreensão aproximada, focalizando os fenômenos que se dão concretamente diante dele, no momento exato de sua produção. Ele se preocupa em saber quem são e o que fazem os atores, por que e como, com quem e em vista de qual ou quais experiências eles depreendem suas ações. (CEFAI, VEIGA & MOTA, 2011, p. 10)

Os pioneiros da ciganologia no campo da Antropologia foram Maria de Lourdes Sant'Ana (1983) e Moacir Antônio Locatelli (1981). Ambos escreveram dissertações de mestrado sobre ciganos Rom no Centro-Sul do Brasil. Sant'Ana realizou sua pesquisa na cidade de Campinas, em São Paulo, entre 1970/72, e Moacir Antônio Locatelli em Santa Rosa, no Rio Grande do Sul, no final da década de 70. Parece que como existiam “*antropologias marginais*” no eixo hegemônico de produções teóricas dentro das denominadas “*antropologias centrais e periféricas*” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006), há também os temas marginais, como no caso dos ciganos. Não digo aqui, que os estudos sobre ciganos são marginais, mas que praticamente não ocorriam, deixando uma lacuna por falta de interesse por esse grupo por razões diversas.

É perceptível em toda a produção da antropologia clássica e contemporâneas, especificamente no Brasil, mas podendo ser estendida essa observação a outros países, uma vasta literatura sobre os diversos grupos sociais e étnicos como afro e afro-brasileiros, indígenas, quilombolas, judeus; contudo, os ciganos são invisíveis para os pesquisadores, ou invisibilizados por razões e interesses desconhecidos até o momento.

Depois das duas pesquisas realizadas no início dos anos de 1980, ocorre um período sem demais pesquisas sobre ciganos no campo antropológico. Apenas no final da década de 90 aconteceram novas apresentações de dissertações e teses em Antropologia sobre ciganos. Um ponto de reflexão é o fato de no primeiro momento das pesquisas antropológicas sobre ciganos surgirem com os Rom-Kalderash, ciganos que demarcam sua diferença principalmente por meio do vestuário e dos arquétipos utilizados para pensar os ciganos no Brasil; e, no segundo momento, uma produção mais significativa sobre os Calon, ciganos que por viverem em extrema pobreza eram invisibilizados em sua categorização étnica, fazendo parte unicamente de uma imensa massa de pessoas que são contabilizados como vivendo em situação de exclusão social e econômica.

Essa observação é interessante porque vai ter uma reverberação no campo político e do direito para os ciganos no Brasil, pois quem primeiro é chamado para discutir questões referentes aos ciganos no Brasil na década de 1990 são justamente os Rom-Kalderash, somente quase uma década depois é que os ciganos Calon começaram a fazer parte das discussões. Para uma maior visualização desse período de 1999 até 2014 foi realizado uma pesquisa dessas teses e dissertações, tendo como base apontamentos propostos por Moonen (2010), identificando pesquisador, ano, título do trabalho, resumo e quantitativo de páginas. Como critério de organização da pesquisa foi utilizado o sistema de ano de produção em sistema crescente de 1999 até 2014. Essa pesquisa serviu para situar o trabalho do autor e analisar o que é produzido nos programas de pós-graduações sobre os ciganos, situando as abordagens, os grupos pesquisados e os enfoques dados.

Até 2014 tenho conhecimento de mais uma dissertação defendida em 2015 no Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA- UFPE), além da tese de doutorado do autor, a da mestrandia Jamilly Rodrigues da Cunha, com enfoque nos ciganos do grupo Calon da cidade de Souza situada no Estado da Paraíba, intitulada “*Olhe nosso Centro! Aqui, somos todos Calon’: descrevendo as dinâmicas culturais dos ciganos de Sousa em diálogo com Estado*”. Há também o trabalho de Edilma Monteiro: “*As crianças Calon: uma etnografia sobre a concepção de infância entre ciganos no Vale do Mamanguape-PB*”, na UFPB-CCHLA.

Em outras áreas da construção acadêmica do conhecimento e da ciência foram produzidos trabalhos com a temática envolvendo ciganos, são elas com seus respectivos autores e ano: História: Sônia Cavalcanti (1994), Rodrigo Corrêa Teixeira (1998), Isabel C. Medeiros Mattos Borges (2007), Lourival Andrade Junior (2008) e Débora Soares Castro (2011). Geografia: Solange T. de Lima (1996). Planejamento Urbano: Maria de Lourdes Pereira Fonseca (1996). Linguística: Fábio J. Dantas de Melo (2005 e 2010). Psicologia Clínica: Valéria Sanchez Silva (2006); Educação: Silvia R. Chaves de Freitas Simões (2007), Luciana Câmara Fernandes Bareicha (2013). Mídias: Eliane Medeiros Borges (1995) e Regine A. Rossi Hilckner (2008). Literatura: Ana Paula Castelo B. Soria (2008). Comunicação: Alice Lamari Santos Freire (2009). Letras: Pilar Castro Pereira (2010). Geografia Humana: Marcos Toyansk Silva Guimarães (2012).

Ainda é perceptível a ausência de dissertações e teses em algumas áreas como Saúde, Economia, Psicologia Social, Serviço Social e Direito. Assim como pontuou Moonen relação dos trabalhos acadêmicos é incompleta. Devem existir outros tantos

mais, mas cuja existência ignoro. A quase totalidade é inédita e apenas uma parte é divulgada na internet (por exemplo em <http://bdt.d.ibict.br>). Também como apontou Moonen, a relação das obras é incompleta porque não estou citando monografias de conclusão de cursos de graduação e os artigos. Há, ainda, os ensaios ciganológicos datilografados.

De acordo com Moonen há um preconceito com os estudos sobre os ciganos por parte das ciências, assim como ocorre por parte da população em geral para com os ciganos. Esse desprestígio das ciências para o grupo se reflete na produção acadêmica, com algumas raras exceções em Antropologia como Patrícia Goldfarb, Marcos Mello, Florência Ferrari, Renato Athias, Vânia Fialho, Mércia Batista, Mirian Souza, Erisvelton Sávio Melo; em História, Rodrigo Teixeira; na área do Direito, Luciano Maia. Como pesquisador, observo que corrobora para o afastamento dos pesquisadores aqui no Brasil dos ciganos a dificuldade de fontes de consultas e o entrar em contato com os grupos ciganos pelos estigmas e desconfianças construídas historicamente e por meio de atos entre não ciganos e ciganos.

Observa-se que realizar pesquisas sobre ciganos, no Brasil é tarefa de estudantes. Antropólogos já formados e professores de antropologia aparentemente ainda consideram a ciganologia um ramo marginal, de baixa categoria e que não dá status acadêmico. No Brasil, o mais comum é o estudante defender sua dissertação ou tese ciganológica, obter seu cobiçado diploma acadêmico, tentar conseguir um emprego numa universidade, e depois para sempre esquecer os ciganos e partir para temas “mais nobres”, mais tradicionais das ciências sociais. (MOONEN, 2011, p 4-5)

Fazendo uso do computador e da internet fiz pesquisa sobre ciganos em algumas plataformas de reconhecimento científico como o SciELO no Portal CAPES entre outros. Para parâmetro de busca utilizei como base as palavras: Cigano, Rom, Roma, Calón, Kalderash, Sinti/Sintó, Romnichals, Boêmios e Gitanos. Palavras essas que estão associadas a temática do universo da pesquisa.

Diante de um discorrer histórico sobre as palavras que designam este grupo, vemos que desde o século XV, na Europa, os ciganos passaram a ser chamados por diversos nomes: *egípcios*, *gypsy*, *egyptier*, *gitan*, *gitano*, *grecianos*, *tsiganos*, *zíngaros*, *romanichel*, *boémiens*, ciganos, etc. Esta identificação, por vezes, é generalizada sob a égide de uma única forma de observá-los e alcunhar-lhes tem dificultado as pesquisas sobre os mesmos, pois se quer um comportamento padrão de todas as pessoas deste grupo, o que não equivale as múltiplas vivências quando eles permitem um contato

próximo com sua forma de ser e estar no mundo e nas relações estabelecidas com as demais sociedades e grupos.

Os ciganos são identificados na história a partir do ano III A.C. Existem sinais linguísticos que remontam sua origem no norte da Índia, na região do Punjabi, onde hoje é o Paquistão. Segundo Moonen (2008, p. 8), baseado no linguista histórico Heinrich Grellmann, acredita que a origem indiana tenha sido suficientemente comprovada, levando-se em consideração que de cada trinta vocábulos da língua cigana, treze são de origem hindi, língua derivada do sânscrito. Embora, o antropólogo inglês Fraser (1992, p. 22), lembre-nos que a “linguística histórica não pode determinar a origem racial e étnica dos indivíduos que falam Romani”. A opção e a aceitação dos trabalhos sobre ciganos, por parte dos pesquisadores, chegam a ser unânimes em situarem a origem dos ciganos na Índia.

Essas semelhanças linguísticas podem significar que os ciganos viveram na Índia, sem necessariamente terem sua origem nesse espaço geográfico. A partir do século XII, os ciganos se dividiram pelo mundo em dois ramos: o asiático (ciganos da Palestina) e o europeu (ciganos da Pérsia e da Armênia), esses, posteriormente se espalharam por toda Europa. E, com os degredos e navegações, chegaram ao Brasil em 1573, principalmente os do grupo Calon por estarem ocupando a Península Ibérica. Hoje, desde a década de 70, os ciganos usam a palavra Roma para se autodesignarem.

Ao colocar o termo “cigano” no SciELO - Scientific Electronic Library Online, no campo de pesquisa avançada em todos os índices aparecem nove (09) trabalhos a partir da ordem de relevância na catalogação do “onde” restringida a localização “regional” dada pelo próprio sistema de busca, conforme pode ser observado na distribuição encontrada no apêndice 2 (dois).

Desses trabalhos dentro das áreas temáticas do SciELO são distribuídos em cinco (5) na Ciências Humanas, dois (2) Ciências da Saúde, um (1) Ciências Sociais Aplicadas e, um (1) em Ciências Biológicas. Sendo: Antropologia (2), Biologia (1), História (1), Literatura, romance (1), Enfermagem (1), Farmacologia e farmácia (1), Psicologia, multidisciplinar (1). E os anos de publicação 2006 (2), 2012 (2), 1997 (1), 1998 (1), 2007 (1), 2008 (1), 2011 (1). Ao se restringir a busca ao “onde”, localização “Brasil”, irão aparecer apenas cinco (5).

Ao colocar o vocábulo “Calon”, não surge nenhum artigo que faça referência a essa designação dos ciganos. Tentei pesquisar com o vocábulo “Rom” surgiram 190 resultados, desses apenas um (1) trabalho aparece o de Cristiane G. Braga, citado no

quadro em anexo. Ao colocar o vocábulo “Roma” surgem quatrocentos e quatro resultados (404), desses apenas os que tratam sobre ciganos especificamente na área trabalhada em nossa pesquisa estão selecionados no apêndice 3 (três). Colocando o termo “Kalderash” nenhum resultado foi apresentado, o mesmo ocorrendo com os termos “Sinti/Sintó”, “Romnichals”, “Boêmios” e “Gitanos”, alcunhas que designam os também os ciganos aqui no Brasil.

Ao entrar no Portal de Periódicos CAPES/MEC e fazer uma pesquisa mais ampla foram apresentados oitenta e dois (82) resultados, desse quantitativo elenquei os que estavam condizentes com a pesquisa proposta por mim dentro do campo dos estudos da “Ciganologia” no Brasil. Ao refinar a pesquisa no tópico “Brazil”, esse número de oitenta e dois (82) reduziu para vinte (20). Dos vinte, apenas um trabalho se apresentou como condizente aos meus critérios tendo como base uma busca dentro dos parâmetros das Ciências Humanas e Sociais: “*Ciganos Nacionais/National Gypsies*”, de Florencia Ferrari, com a seguinte referência “*Acta Literaria N° 32 (79-96), 2006*”.

Apareceu mais um trabalho dentro dos critérios expostos anteriormente, com o título, “*O cinema como pedagogia cultural: significações por mulheres idosas.*”, publicado na Revista Estudos Feministas de 2010; contudo ao analisar se observa que apenas faz menção a uma memória de uma entrevistada sobre um filme, onde a mesma apontava para uma lembrança, onde o “*mocinho*” parecia ser um cigano do deserto. Os demais trabalhos estavam classificados na área de Geologia, Botânica e Medicina, nas quais o foco era um granito denominado de cigano, uma mata conhecida como “*Mata do Cigano*” e uma planta utilizada para fins medicinais, a “*moroso cigano*”.

Há ainda dentro do campo antropológico os trabalhos desenvolvidos pelo Laboratório de Etnografia Metropolitana - LeMetro/IFCS-UFRJ, coordenado pelo professor Marcos Antônio Mello e os pesquisadores que se interessam pela temática dos ciganos; o Núcleo de Estudo e Pesquisa sobre Etnicidade NEPE/PPGA-UFPE, coordenado no tema sobre ciganos pelos professores Renato Athias e Vânia Fialho; Patrícia Goldfarb coordena um grupo de pesquisa no Centro de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB); na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), há também um grupo de pesquisa no Departamento de Antropologia situado no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA). Desses grupos de pesquisa e dos pesquisadores vinculados aos mesmos são efetivados alguns documentários, entrevistas, artigos de revistas, entrevistas em jornais escritos e televisivos e, apresentações de artigos em eventos além da RBA, como a REA,

ANPOCS e ABANNE, entre outros de cunho locais, regionais, nacionais e internacionais.

Quanto ao NEPE<sup>9</sup> e ao pesquisador Renato Athias, há um destaque na orientação e produção de trabalhos com a temática sobre ciganos no Brasil. Em uma perspectiva de formação de rede, é necessário citar que o NEPE é um importante fio condutor e elo nas discussões sobre ciganos não só em nível regional, mas nacional com a presença de pesquisadores nos vários eventos que envolvem questões ciganas e, principalmente, por estar trazendo os próprios ciganos para as universidades públicas e oportunizando um diálogo entre ciganos, academia e representantes governamentais sobre a realidade em que se encontram alguns grupos ciganos e as pessoas que compõem esses grupos étnicos.

### **Frans Moonen e os estudos ciganos no Brasil**

No universo antropológico brasileiro ao nos referirmos ao campo de estudo sobre ciganos, o pesquisador e antropólogo Frans Moonen tem um papel central. Foi com ele que as questões referentes aos grupos ciganos começaram a emergir nos anos de 1990 com os seus estudos sobre os ciganos de Souza na Paraíba. Esses estudos foram fontes de pesquisa e motivação para outras pesquisas, tanto para os Calón no Estado da Paraíba, quanto para outros grupos ciganos em outros estados brasileiros.

Frans Moonen em duas décadas, de meados dos anos de 1990 até o ano de 2013<sup>10</sup>, reuniu um riquíssimo acervo sobre ciganos. Nesse acervo constavam além dos seus estudos, livros, entrevistas em fitas cassete e DVD, reportagens, revistas, dissertações, cópias de programas televisivos e imagens. Esse material era disponibilizado em parte, por meio do compartilhamento eletrônico em um site criado com o mesmo nome de um núcleo (associação) criado por ele, o Núcleo de Estudos Ciganos (NEC). O Núcleo de Estudos Ciganos, tinha sede em sua residência no bairro da Iputinga, em Recife-PE. Situação semelhante à associação cigana estudada por mim nessa tese, onde a residência é também a sede da associação. Por meio desse núcleo vários estudantes que tinham interesse nos estudos ciganos podiam acessar os conteúdos ou marcar uma visita para conversa ou consulta ao material com o pesquisador na sede do próprio núcleo.

Percurso esse de visita feito pelo autor três vezes, uma durante o período de mestrado e duas no período de doutorado. Além das visitas ao núcleo, mantinha contato

---

<sup>9</sup> Núcleo do qual o autor faz parte.

<sup>10</sup> Frans Moonen faleceu em 30/06/2013 em Recife-PE, em razão de um câncer.

com Frans Moonen por meio das redes sociais, e-mail e em eventos que tratavam sobre questões ciganas. Frans Moonen tem uma importância grande nos estudos antropológicos sobre ciganos pela relação que mantinha com os próprios ciganos, principalmente a liderança cigana que estava atuante em diálogo com o Estado. Alguns dos líderes o chamavam de “irmão que nos ensinou a ir a Brasília-DF”. Os primeiros documentos e atas dos eventos em que os ciganos estavam presentes em diálogo com o governo federal, entre os anos de 1994 e de 2007, é notório a ativa participação de Frans Moonen, seja em presença física ou em citações dos ciganos por meio de suas falas. Na Antropologia brasileira Frans Moonen, além dos trabalhos com ciganos, tem trabalhos voltados aos indígenas, sendo sua última publicação sobre o tema, “*Povos Indígenas no Brasil*” (2008)<sup>11</sup>. No ano de 1988, foi o responsável na “*Série Princípios*”, em definir a “*Antropologia Aplicada*”, sendo nesse livro muito crítico quanto aos antropólogos no Brasil. Contudo, a sua obra mais importante para os estudos ciganos em Antropologia, Direito e Política, “*Anticiganismo e Políticas Ciganas na Europa e no Brasil*” (2012)<sup>12</sup>.

Na “V Jornada de Estudos sobre Etnicidade”, no dia 17 de dezembro de 2013, no Campus da UFPE ocorreu uma homenagem “*in memoriam*” a Frans Moonen e a contribuição do mesmo à Antropologia e aos estudos ciganos. Segundo sua esposa Helena, presente na Jornada, em conversa comigo referindo-se a obra “*Anticiganismo e Políticas Ciganas na Europa e no Brasil*”, disse: “*esse livro, era o livro da vida dele, todo ano acrescentava e atualizava dados.*”

Ao realizar a pesquisa bibliográfica sobre ciganos no Brasil foi possível observar que Frans Moonen é base de consulta e citação em todos os trabalhos pela importância das questões levantadas em prol dos ciganos, como pelo profundo conhecimento apresentado sobre os ciganos e as questões antropológicas que envolvem os grupos ciganos. Frans Moonen, além de pesquisador também foi um grande ativista da causa cigana, participou de muitas discussões políticas em Brasília-DF, para garantia de direitos voltados aos ciganos. Frans Moonen demonstra em seus escritos uma reflexividade (CLIFRORD & MARCUS, 1986; GEERTZ, 1989; GIDDENS, 1991) como marca de uma pesquisa contemporânea e comprometida com os pesquisados.

---

<sup>11</sup> Texto encontrado no endereço eletrônico:

[www.dhnet.org.br/direitos/.../moonen\\_povos\\_indigenas\\_br\\_2008.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/.../moonen_povos_indigenas_br_2008.pdf)

<sup>12</sup> Texto encontrado on-line no endereço eletrônico: <http://pfdc.pgr.mpf.mp.br/atuacao-e-conteudos-de-apoio/publicacoes/discriminacao/anticiganismo-e-politicas-ciganas-na-europa-e-no-brasil-frans-moonen-2012>

Todo o acervo desse pesquisador, após seu falecimento, foi doado; por sua esposa, ao antropólogo e pesquisador Renato Athias, para o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Etnicidade - NEPE, do Departamento de Antropologia e Museologia da Universidade Federal de Pernambuco.

### **Considerações**

Os ciganos foram invisibilizados e ignorados pela sociedade majoritária, depois passaram a ser alvo da ridicularização por parte dos não ciganos com os estigmas a eles destinados. Colocaram-se para fazer parte das discussões políticas e pelo reconhecimento paritário de igualdade e, por fim, começam a participar por meio do protagonismo frente aos não ciganos, resultando em direitos conquistados; preservando seus modos de vida e valores, de forma contextual e harmonizada com a contemporaneidade da conjuntura atual.

A Antropologia não está mais para ratificar identidades e grupos étnicos, mas há uma incumbência de etnografar o contexto em que essas identidades são acionadas. Registrando o “como”, o “para que” e o “em relação ao que” são acionadas. Sem deixar de ser levado em consideração que o principal campo político em que elas ocorrem, o Estado, definido como plural e pluriétnico em suas bases constitucionais de legalidade.

### **Referencial bibliográfico**

- ARENDDT, H. *A Condição Humana*. 11 ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. *O trabalho do antropólogo*. 2 ed., Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Unesp, 2006.
- CASTELLS, M. *O Poder da Identidade*. 3 ed., São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- \_\_\_\_\_. *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CEFAI, D., VEIGA, F., & MOTA, F. (2011). Introdução. In CEFAL, D., MELLO, M. A., MOTTA, F. R. & BEROCAN, F. (Orgs.). *Arenas Públicas: por uma etnografia da vida associativa*. (pp. 9-66). Niterói: EDUFF.
- CHINA, J. B. d'O. *Os Ciganos do Brasil (subsídios históricos, etnográficos e linguísticos)*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1936.
- CLIFFORD, J. *A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Ed., UERJ, 2002.
- \_\_\_\_\_. & MARCUS, G. E. *Writing Culture: the poetics and politics of ethnography*. Berkeley: University of California Press, 1986.
- FRASER, A. *História do Povo Cigano*. Lisboa: Editorial Teorema, 1998.

- FREIRE, P. *Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minhas práxis*. 2 ed. rev. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1989.
- GIDDENS, A. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.
- GOLDFARB, M. P. L. *O “tempo de atrás”: um estudo da construção da identidade cigana em Sousa-PB*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. João Pessoa: UFPB, 2004.
- KUPER, A. *Cultura: A Visão dos Antropólogos*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- LEAF, M. *Uma História da Antropologia*. São Paulo: Zahar/EDUSP, 1981.
- MELLO, M. A. S. & SOUZA, M., A. de. Meirinhos Aristocráticos. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: SABIN, ano 2, n.º 14, p. 29-32, novembro, 2006.
- MELO, F. J. D. de. *Os Ciganos Calon de Mambaí: a sobrevivência de sua língua*. Brasília: Thesaurus, 2005.
- MELLO, A. F. Movimentos sociais na pesca. In: *Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi*. Antropologia. Belém: MPEG.V.11, nº 1, Junho, 1995, p. 19-39.
- MOONEN, F. Ciganos Calon no sertão da Paraíba. *Cadernos de Ciências Sociais*. Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Mestrado em Ciências Sociais, João Pessoa, 1995, p. 1-51.
- \_\_\_\_\_. 2011. *Anticiganismo: os ciganos na Europa e no Brasil*. Juiz de Fora: Centro de Cultura Cigana, (edição digital).
- MORAIS FILHO, A. J. de M. *Os Ciganos do Brasil: contribuição etnográficas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1886.
- \_\_\_\_\_. *Cancioneiro dos Ciganos: poesia popular dos ciganos da Cidade Nova*. Rio de Janeiro: Garnier, 1885.
- SANT’ANA, M. de L. *Os Ciganos: aspectos de organização social de um grupo cigano em Campinas*. São Paulo: USP, 1983.
- SULPINO, M. P. L. *Ser viajor, ser morador: uma análise da construção da identidade cigana em Sousa – PB*. *Dissertação de Mestrado*, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- WEBER, M. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.